

INCLUSÃO: NA VIDA E NA ESCOLA

Pedro Braga Gomes*

RESUMO: Este artigo consiste numa reflexão acerca da Inclusão na vida cotidiana e na Escola. Estimular o exercício da cidadania, em favor de uma sociedade justa e solidária. Promover atitudes para a erradicação do analfabetismo em sentido amplo.

PALAVRAS CHAVES: Educação Inclusiva, Escola, Ética e Analfabetismo.

ABSTRACT: *This article consists in a reflection he nears from the Encapsulation in life and at school. Arouse the exercise from the citizenship, in favor of an association just and solidary. Churn postures for the eradication from the illiteracy well into felt ample*

KEY-WORDS: *Education Inclusive, School, Ethics and Illiteracy.*

“... o homem só muito lentamente descobre como o mundo é infinitamente complicado. Primeiro imagina-o o mais simples possível, tão superficial como ele próprio.(...) O homem conhece o mundo à medida que se conhece:a sua profundidade desvela-se à medida que se espanta de si próprio e de sua complexidade”. (Nietzsche - Fragmentos Póstumos, 1872 - 19/118).

Todos os dias clamamos: a saúde e a educação são direitos de cada cidadão, é dever do Estado e da sociedade fazê-las chegar a todos com irrenunciável pontualidade e qualidade.

* Filósofo e Professor de Educação Inclusiva da Faculdade de Educação do Litoral Sul Paulista – FALS.
Contato: e-mail: pgomes@fals.com.br

Depois de quinhentos anos de descoberta deste país, de quase duzentos anos de sua independência não entendemos o que acontece, no mínimo ainda não está claro para muitos o seu significado.

Freqüentemente nos deparamos com notícias de fatos verdadeiramente alarmantes: faltam recursos e instrumentos mínimos para um melhor atendimento básico na educação do mesmo modo aos que precisam e procuram os cuidados para a saúde, faltam medicamentos, faltam leitos nas casas de saúde, faltam médicos, faltam transportes, falta até algodão!

Com a educação não tem sido diferente: ainda ocupamos, no cenário mundial, um lugar vergonhoso nas estatísticas da alfabetização. Quem não se sentiu humilhado diante do quadro divulgado pelo Jornal Nacional, onde crianças sob lona em chão de terra ensaiavam ser estudantes? Não existem escolas suficientes e de qualidade, desviam-se os recursos da merenda escolar (interior da Bahia – Jornal Nacional do dia 13 de outubro de 2008) e de maneira especial no Jornal da Globo no último dia 29 de abril de 2009) e dos instrumentos pedagógicos, lamenta-se o salário e, conseqüentemente, a qualificação e a motivação dos professores, constatam-se o alto índice de evasão e de reprovação nas escolas, criticam-se a metodologia e os resultados do ensino-aprendizagem. E isso, infelizmente, não incomoda mais a comunidade de homens e mulheres.

A escola é um processo histórico em continuo processo de aprendizagem. É preciso que seja entendida como uma instituição voltada para a realização da prática pessoal e social, contextualizada nas dimensões espacial e temporal, revestida de caráter contraditório e complexo. É necessário que sua abordagem seja como processo e não um produto pronto e acabado. A escola não é, e sim, está sendo.

Neste sentido, Boaventura Souza Santos assim nos ensina:

“... temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza...”

De maneira provocativa como bem diz o autor acima, a inclusão escolar e social necessita ser pensada.

Identidade e alteridades como bem nos fala Henrique Dussel na sua magnífica obra *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*, são construções históricas e, enquanto oportunizadas no contexto da escola, precisa ser detalhada no contexto escolar. Até em que instante as diferenças estão sendo observadas como fator positivo no cotidiano da vida escolar? Estas provocações podem muito bem ser pergunta de uma maneira mais forte e real, a saber: todas as diferenças são bem vindas à escola?

A resposta com certeza é multifacetada. Um jurista pode trazer a contribuição de todos os instrumentos legais que dão garantias legais de acesso e permanência na escola para todos os alunos. Outro patamar, a questão aparece enquanto possibilidade de fato de termos as condições administrativas e pedagógicas de uma escola que oportunize a educação de todos com qualidade.

Essa discussão está plantada no terreno da escola regular, proclamada como Escola de Todos, pois no âmbito da escola existe uma tarefa de Atendimento Educacional Especial prevista em lei e em caráter complementar à escola regular e não como algo substitutivo.

Neste sentido precisamos analisar em que medida a escola contempla tais ações, alguns pontos para reflexão:

- Elaboração e fortalecimento dos Projetos Político-Pedagógicos, incentivando as ações colegiadas e o diferencial da respectiva comunidade.
- Sala de aula com eixo de ensino e aprendizagem para todos, criando oportunidades constantes de estudo e pesquisa.
- Trabalho com as diferenças em sala de aula, no contexto da diversidade cultural: atitudes que possam desenvolver em plenitude o desenvolvimento escolar e os variados ritmos de aprendizagem, com alunos deficientes ou “normais”.
- Articulação teórica e prática: organização de grupos de estudos contínuos para planejamentos com troca de experiência e monitoramento do processo.
- Trabalho transdisciplinar, como forma de leitura e compreensão da realidade, com a contribuição das diferentes áreas e a escolha de temas culturais desdobrados em roteiros semanais e diários de trabalho do professor com os alunos.
- Transformação das dinâmicas e das metodologias utilizadas em sala de aula: organização dos tempos e espaços com características individuais, em dupla, em pequeno grupo e em

grande grupo, viabilizando a ocorrência não apenas de ensino mas de aprendizagens que ocorrem nas interações professor e alunos.

- Readaptação do tempo e do espaço formal flexível. O projeto escolar pressupõe flexibilidade de horários (aulas geminadas, aulas curtas, etc.) e ocupação de outros espaços que permitam ritmos a atividades diversificados.
- Investimentos na infra-estrutura e material: transporte, merenda, equipamentos escolares e pedagógicos, como suporte necessário a todas as atividades em pratica.
- Revisão do processo de avaliação e de seus resultados: adequação e coerência em relação ao regime de progressão continuação, mal interpretada na organização dos ciclos aos ritmos de aprendizagem e ao desenvolvimento humano. Cada escola dentro do conhecimento da sua realidade precisa sistematizar instrumentos de avaliação compatíveis com a flexibilidade e diversidade.
- Formação em serviço: a aprendizagem permanente não pára e o desafio de uma educação de qualidade está sempre presente para que os estudos contínuos venham para permanecer.

Sinais estes, existentes ou não na vida do cotidiano da escola, denotam prioridades em relação à Inclusão. Eles precisam ser repensados dia a dia para que as discussões não sejam abstrações vazias na escola *vivida*, dita de todos, mas que se reveste de padronizações engessantes, que cabem no modelo do *vivido*, e que excluem de maneira velada as diferenças existentes.

O *vivido* aqui dito está no viés de uma categoria historicamente construída, passa a ser um produto, eterno, imutável e universal. Em sua inflexibilidade, torna-se inquestionável, e a escola o vai reproduzindo, de forma mecânica, como um padrão, um modelo a ser seguido.

A escola que temos busca, muitas vezes, anular diferenças, padronizar e modelizar, excluindo, assim, quem não está adequado para seus padrões de “qualidade”. Significa dizer a instauração de critérios que dividem e compartimentam, gerando dualidades que evidenciam tipos estanques. O *vivido* diz respeito a alguns, mas o perigo mora exatamente aí, a escola é de todos, como bem assegura a nossa constituição proclamada “cidadã” de 1988.

O que podemos perceber que o *vivido* existe nas minúcias do dia a dia. Ele pode ser claramente percebido quando se tem uma atitude crítica e atenta para o entendimento da realidade. O *vivido* se manifesta no jeito de repassar os conteúdos escolares; na sistematização fragmentada nos cadernos dos alunos; na organização do tempo, padronizando os horários de aulas iguais para todas as idades; no enfileiramento das carteiras na sala de aula, no espaço das salas de aula, limitando a criatividade na invariabilidade das possibilidades.

Tudo isso posto, apresenta o *vivido* instalado, além dos livros didáticos sacramentados como verdades eternas, constituídas ainda como verdades sagradas. Esquecendo-se de que na escola está vivo o currículo invisível e oculto, isto é, aquilo que não está dito em nenhuma teoria pedagógica, mas que se faz presente na vida da convivência escolar e que jamais pode ser descartada pelos profissionais que na escola habitam.

Muitas ações são possíveis e elas situam em diferentes níveis: no âmbito da sala de aula, do projeto da escola ou em dimensões políticas mais amplas pertinentes à esfera de políticas inclusivas, muito proclamadas, mas muito pouco ou nada assumidas em nosso País.

Na mesa de negociação, afirmada por um lado e não reconhecida pelo outro, certamente não se levam em conta as conseqüências para a sociedade de milhares de jovens sem o que fazer, fica vagando nos shoppings Center, nas ruas, na família, marcados pela incerteza e pelo descrédito.

Não se passou ainda um século desde que a Educação Brasileira se curvou aplaudindo a utopia racional de Anísio Teixeira, que ofereceu reflexão e projetos para elevar a educação à categoria de maior problema brasileiro, requerendo que fosse oferecida a todos e ensejando que ultrapassasse os limites da abstração e da ineficiência.

Enquanto propunha a reconstrução da educação no Brasil, Anísio a justificava com a necessidade de se alcançar uma sociedade mais justa e mais humana. Uma visão profética que acreditava na possibilidade de todos os homens serem capazes de conduzir a própria vida em sociedade, como iguais em direitos.

Todos clamamos por uma educação que possibilite aos jovens a iluminação necessária para conduzir o sentido humano da própria existência.

E isto não é diferente do que nos apresentou o Mestre Jesus:

“eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”(Jo 10,10), “vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13ss).

Em Aparecida, na conclusão da V Conferência do CELAM, (Conferência Episcopal Latina Americana) declarou-se, entre outras propostas, crer e esperar manter com renovado esforço a opção preferencial e evangélica pelos pobres e acompanhar os jovens na sua formação e da busca da identidade.

É com tais sentimentos e compromisso que a educação e as políticas públicas acompanham o descompasso da Educação Especial e Inclusiva.

Não é possível nem justo desconsiderar o futuro, não é cidadania esquecer o destino da nossa juventude. Recordando o Padre Antônio Vieira, é hora de reafirmar:

“não vos peço mendigando, mas vos exijo raciocinando”.

Neste sentido ainda o Eu interior como muito bem nos ensinou Michel de Montaigne, na sua magnífica obra Os Ensaios, que nos comunica com a paz externa e com o meio e as circunstâncias demonstrando tranqüilidade e que conduz a vida com objetividade.

Pois somente podemos proclamar a paz em torno de si mesmo, quando estou em contato com o meu espaço interior, a partir da minha paz interna. Quando me coloco em contato com este espaço de silêncio não me deixo perturbar tão facilmente.

Comparativamente, a Educação Inclusiva está nos conclamando para que pensemos alto na dimensão águia, no povão, na maioria dos pobres e empobrecidos e dos excluídos e nisso estaremos exercendo a nossa caridade humana na educação como bem nos ensinou o saudoso Papa Paulo VI.

A águia é sempre águia. Ela possui uma natureza singular. Tem as alturas dentro de si. O sol brilha em seus olhos. O infinito dos espaços anima suas asas para enfrentar os ventos mais velozes. Ela é feita para o céu aberto. Não pode ficar aqui na terra, pressa ao solo.

O casal de águias mantém sempre uma relação de solidariedade entre si. Juntos caçam, juntos montam seu próprio ninho, juntos incubam seus ovos e o casal de águias buscam alimentos para os seus filhotes.

O casal de águias representa para a vida humana em sua criatividade, em sua capacidade de romper barreiras, em seus sonhos, em sua luz, portanto solidariedade. Sem solidariedade, sem compaixão e sem sinergia ninguém se recupera as asas da águia ferida que temos dentro de nós. Um fraco mais um fraco, não são dois fracos, mas um forte. Pois a união faz a força.

Uma asa mais uma asa não são duas asas, mas uma águia inteira que pode voar e ganhar altura e assim recuperar a sua integridade e sua libertação.

Ninguém se liberta sozinho, libertamo-nos todos juntos, já dizia o saudoso educador Paulo Freire. Precisamos dos outros para ser e para nos libertar.

Numa sociedade que avança a passos largos e que muda a cada instante, não podemos nos contentar com os nossos lentos e passos de tartaruga. Como educadores necessitamos dar uma resposta responsável aos novos tempos, mais até do que ficar produzindo regrinhas não cumpridas e que leva a muito pouco ou nada na construção dos seres humanos.

Conclamamos, pois, em nome do Direito, em nome da História, dos vinte anos da nossa constituição cidadã, dos sessenta anos dos direitos humanos no Brasil, do centenário de nascimento de Dom Hélder Câmara e proclamado pela Cúria Romana o “irmão dos pobres”, em nome da esperança que a todos nos alimenta, em nome da razão, conclamamos educadores e governo, administradores públicos e família, sociedade organizada e cidadãos, encontremos caminhos e projetos para cuidar da nossa juventude.

Referências Bibliográficas:

BERKENBROCK-ROSITO, Maragréte May. Inclusão, carisma e cultura ética. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, Revista Mundo e Saúde, ano 26, v. 26, n.3- julho/setembro de 2002;

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial. Rio de Janeiro: sextame, 2000;

CONFERÊNCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2008: Brasília, DF) - Documento Final – Ministério da Educação, 2008;

DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação na idade da Globalização. Petrópolis: vozes, 2003;

- FURLANETTO**, Ecleide. Como nasce um professor? São Paulo: Paulus, 2003;
- GOMES**, Pedro Braga. A vítima sobre a perspectiva de Enrique Domingues Dussel. Dissertação em Bioética e Biotecnologia. Departamento de Educação e Biologia da Universidade Federal de Lavras: Lavras, 2007;
- GOMES**, Pedro Braga. O que é ser adulto hoje? Aprendizagem e formação: uma perspectiva simbólica. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Revista Querubim, ano 04, v.07, nº.2 - dezembro de 2008;
- FREIRE**, Paulo. A Pedagogia da Esperança; um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;
- _____ A Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997;
- MENESES**, João Gualberto de Carvalho. Educação Básica – Políticas, Legislação e Gestão e Leitura. São Paulo: Tonsom Editora, 2005;
- MACHADO**, Edilene Vieira. Diálogos com Professores Sobre a Inclusão Fatos e Histórias. São Paulo: Lge Editora, 2008;
- MAZZOTTA**, M. J. S. Educação especial no Brasil. São Paulo: Cortez, 1999;
- MORIN**, Edgar. Ciência com consciência. Portugal: Publicações Europa América, 1994;
- SANTOS**, Maria Terezinha C. Teixeira dos. Bem Vindo à escola: a inclusão nas vozes do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.